

NITZBROY,

REVISTA BRASILIENSE.

SCIENCIAS, LETTRAS, E ARTES.

Todo pelo Brasil, e para o Brasil



Como Primeiro.

Nº 2.



que nous lancions à notre pays
pour montrer à nos frères de là-bas
Paris.

DAUVIN ET FONTAINE, LIBRAIRES,

PASSAGE DES PANORAMAS, Nº 35.

1836.

CONTORNOS DE NAPOLES,

FRAGMENTO DAS NOTAS DA VIAGEM DE UM ARTISTA.

Pozzuolo , Baias , etc.

Quando estavamos em Roma, quotidianamente gozavamos da companhia do célebre Coronel Lima d'Itaparica, e junto gozavamos da descripção de suas viagens, que não foram de olhar e passar, mas sim de naturalista, e litterato, para o que empregou tres annos de estudos assiduos; ora confundindo-se com a mocidade nos amphitheatros das escolas, ora com o obreiro da fabrica e do laboratorio publico : tal é o philosopho, e taes raros são, entre nós, os homens, que apenas coroam-se com as flores de uma reputação bem principiada, logo almejam os degrãos do Capitolio, e uma vez que os tocam deixam fóra do peristylo a sciencia, e dormem sobre o leito de rozas de uma nomeada prematura, que não sellára a obra do engenho, o heroismo, ou a constancia.

O nosso compatriota éd'aquelles homens privilegiados pela natureza ; de certo, quando o physico sente caírem as flores da mocidade, e no outono da vida se renova a primavera dos sonhos da juventude, o desejo da instrucção, é por que ha intensidade

energica , ha coragem , ha heroismo , ha uma alma sublime.

Viver obscuro , no seio do mar , em uma Ilha , e de repente apparecer na scena politica , passar de Cultivador a Governador . largar a charrua para empunhar a espada , combater uma esquadra , e ajudar com seu braço e conselho a libertar um povo , a formar um Imperio , não é dado a todos ; não é dado á alma mesquinha ser modesto , e ser heroe .

Quando attentos escutavamos a narração do que víra na Belgica , Hollanda , Prussia , Austria , Dinamarca , Suessia , Russia , Turquia , e Italia , ouvimos-lhe fallar da importancia dos contornos de Napoles , e o prazer que sentira percorrendo o pedaço precioso da Campania , onde outr'ora Eúias , Cumas , Minturno , e outras cidades , que as revoluçoens dos homens , da terra , e o tempo devoráram ; assim como seguir passo a passo , com o sexto canto da Eneida , os logares que inspiraram a Homero , e Virgilio esses cantos que inda hoje se veneram , e se admiram , collocando ali as ideias mithologicas do seu tempo , e revestindo-os dos simulacros , e ficçoens do genio da poesia .

O Viajor antes de visitar Pozzuolo e seus arredores , deve ver Hercolano e Pompeia , e depois de haver estudado o character dos monumentos , admirado a delicadeza do pincel , e do cinzel antigo , ter ideia clara de sua magnificencia á vista dos restos animados que o Vesuvio nos conservára ; então poderá interrogar , com a historia na mão , o primeiro par-dieiro que encontrar ; então a pedra solitaria , o

alicerce desmoronado, a columna carcumida lhes responderão eloquentemente; e a harpa de sua alma sentirá vibrações melancolicas, feridas pela mão da meditação; prazer inexplicavel, sensação sublime quer se arripie no passado, quer se lance no futuro: esta especie d'infinito, esta obscuridade que se encontra na campa da morte, ou nas azas da esperança, a voz da tradição, a voz do pressentimento tem incantos mesclados entre o rizo e as lagrimas, tem uma mystica modulação, que é gratissima ao coração sensível.

No dia 25 de septeembro ás cinco horas de manhã consultámos a fumaça de Vesuvio, que é barometro seguro do Napolitano, por que ella indica por sua direcção o vento que traz máo ou bom tempo, e, como nos aconselhasse partir, tomámos o caminho de Chiaja, e chegamos á

Gruta de Posilipo.

Duas maravilhas apresenta ao viajor aquella passagem subterranea, o trabalho do homem, e o pictoresco, e poetico. De certo quando s'embocca por aquelle cuniculo, passando do dia á noite, onde escassos lampioens apenas marcam uma esteira luminosa, como astros, em prespectiva, por traz de um vapor vermelho, quando se respira um ar pesado, similhante ao das catacumbas de Roma, quando se ouvem o rodar dos carros, os canticos dos passantes, e a confusa celeuma que repercute o longo da abobada, formando um murmurio similhante ao do Oceano, e á voz do trovão, o homem cuida baixar

ás profundas do mar, habitar palacios incantados, cujas cúpulas tremem com o rolar das ondas no furor de um oragão. Os homens não parecem homens; semelhantes a espectros circulados de luzes phosphoricas se desenhão em vultos mysteriosos no meio de uma atmosphera azulada, colorida pelo reflexo da luz, entre a poeira, que penetra pela bocca opposta, e que tanto se harmonisa com o clarão das luzes, que descrevem elipses de fogo sobre os muros lateraes, e coloram ora a fronte, ora as vestes dos passantes : as capellas cavadas na rocha, que bruxuleam por entre as grades da porta confusos altares, os monges e mais devotos, que parecem estatuas, no extasi da oração, o alito do logar - cujo cheiro parece o da cova que vai receber um finado, tudo concorre a formar um espectaculô lugubre, e grandioso : em fim aquella immensa galleria derrama n'alma o horror e a tristeza, mas ve-se a luz, a alegria espalha-se no peito, e o coração sauda o ar delicioso da *Campagna felice*.

E quindi uscimmo a riveder le stelle ¹.

Esta grande obra foi feita, segundo a opinião do Abbade Jorio pelos Cumanos, para facilitar a passagem dos carros, e animaes cargueiros, poupando fadiga e tempo que dava a antiga estrada, ingreme assaz, pois subia pelo dorso da collina de Posilipo, estrada de saudosa memoria, pois d'ella saudava o viajor o túmulo de Virgilio Maro.

Sabemos que no tempo de Strabon ella existia, e

¹ Dante : Divina Comedia.

Seneca nos faz uma descripção terrivel, soffrendo os dous males dos Athlétas, a unção do unguento, (Ceroma) e a terra de que se cobriam, allusão ao lodo, e ao pó da gruta, que era então baixa e sem calçada. O estado presente é obra do Vice-Rei D. Pedro de Toledo; os sulcos dos antigos carros, que inda se observam no alto das paredes, demonstram quanto fôra rebaixada principalmente da parte de Napoles, nivellando d'esta arte o tereno de *Fuori Grotta* e o de *Chiaja*. Maravilha-se o homem vendo um phenomeno extraordinario, qual o de todos verem-se n'aquella escuridão, de maneira que ninguém s'esbarra, e isto de ambos os lados; e o effeito pictoresco é tal que só vendo se apprecia.

Tem de longo 2654 palmos, e de largo 24. de alto, da parte de Napoles, 94, e varia da parte de *Fuori Grotta* entre 26, e 74, dando folga bastante aos carros, e peoens para passarem, e offerecendo uma estrada calçada de lava do Vezuvio, plana e solida.

Antes da conquista Franceza o espectaculo devia ser inda mais bello, por que privada dos lampioens, os carreiros e cocheiros eram obrigados a levarem archotes accesos, de maneira que seria incantador ver aquelles fachos percorrendo a través da escuridão: mas a civilisação é mais util que o pictoresco. Esta gruta dá campo vasto á imaginação, a sua escuridão favorece as imagens; ella é a porta sombria dos amenos e poeticos sitios que se vão desdobrar ao viajor, verdadeiro corredor de Panorama, que guia o homem á escuridão para mais apreciar a luz, a natureza, e a arte.

Visitámos a capella de *Fuori Grotta*, e contem-
plámos o numero immenso de mulheres e homens
postados ao longo da estrada, sentados nas portas
das tabernas, cantando, e bebendo, vestidos de ta-
jes pictorescos; tomámos a estrada esquerda, té que
encontrámos um homem deitado sobre um carro,
de ciroulas e pé no chão, que offereceo-se-nos a
mostrar as curiosiades do terreno, e por dous carli-
nos (160 rs.) nos acompanhou todo o dia, louvando
ao Senhor tão bello achado : fallava mal o Italiano,
como todo o povo de Napoles, mas na qualidade de
Cicerone era summo, e não possuia a insolencia, e
velhacaria dos outros : Tomazo Testi se chamava.

Lago d' Agnere

Penetrámos um trilho estreito, que á direita se
apresentava, e que se cavava nos flancos de duas col-
linas de materia vulcanica, e por entre a abertura
que formava nos offereceo um ponto de vista digno
de memoria; armámos o tripo. e no album o de-
senhamos : o *Cicerone* se ausentava, estupefactos
ficamos, quando o chamamos, ouvindo um echo
repercutir claramente o que diziamos, divertimento
este que nos roubou o tempo de desenhar o *Casino*
gothico, os bellos planos das collinas ornadas de ar-
bustos, e coroadas de olmos, que se engrinaldavam
de parreiras; em fim chegámos ao lago.

Todos os lagos formados pelos vulcoens extinctos
são bellos, porque, no centro de um funil de ver-
dura, tranquilllos jazem, reflectindo a verdura e o
céo; parecem aberturas no meio da terra, que deixam

varar a vista d'outro lado, vendo as nuvens passarem, e a continuação da scena, que se nos antolha. O *Casino* gotlico, o espinhaço da collina, que o rodeava, os fragmentos dos antigos banhos, o acinzentado das agoas, que reflectiam os vapores da manhã, os quaes se subdividião por entre as arvores, coroadas de um toucado de filó transparente, as reminiscencias, que o logar desatava, tudo concorria a um amalgama d'ideias saudosas, ideias estas que são menos melancolicas na frescura da manhã, ja pela esperança do dia, e dos logares, que tinhamos a percorrer, o que não acontece na caída da luz; a calma, o vermelho do horizonte, o silencio das aves, e a ideia da noite, que per si só chama a melancolia, e prepara a imaginação para percorrer no silencio, e nas trevas, imagem do infinito. Si na tarde ouvissemos um echo solitario n'aquelles logares, diriamos como S. Germano Bispo de Capua, que alli errava a alma do sysmatico Pascasius, ou sombra romana, lamentando a passada gloria. Não vimos o lago borbulhar no centro, como pertendem, nem fizemos a experiencia de saber si a agoa é doce na superficie, e salgada no fundo, como dizem, por que o nosso fito era archeologico, e artistico.

Gruta do Cão.

Olhavam os para as Estufas de S. Germano, que substituem hoje os sumptuosos banhos dos Romanos, chamados *Angularum*, mediamos com a vista a dimensão de suas reliquias de construcção reticular, logo que fomos interrompidos pelo Cicerone,

que nos mostrava a Gruta do Cão , onde se achava postado um individuo alto, e gordo com um cão preso por uma corda : ajustámos o preço , e o homem abriu a portinha de páo , que nos descobriu um pequeno concavo cavado no tufo de 5 palmos de largo , 8 de alto , e 14 de longo.

Entrámos, e o conductor nos fez cheirar o vapor, que a terra exhalava, perguntando-nos ao que cheirava; e respondendo que a gaz acido carbonico, elle deo de cabeça que não, e disse em tom cathedratico: cheira a vinho de Champanha; e custou-nos a persuadir-o que era o mesmo gaz, mas o homem disse-nos, que todos os Inglezes assim diziam, e que talvez tivéssemos razão.

Acabada a chimica discussão, o homem arranca de uma bolça, pegada á chave, o seu isqueiro e mecha, ferio fogo, e accendeo um archote, que apenas aproximava da terra se apagava, e repetio varias vezes a operação para que tivéssemos ideia distincta da massa atmospherica de gaz, que cobria o terreno, a qual não excede de tres palmos na sua maior profundidade: o fumo nadava na superficie em grossos flocos, como as nuvens dos tropicos, depois rarificando-se, estendeo-se sobre a camada gazosa no concavo da gruta, tomando o aspecto de um véo azulado, agitando-se, e dividindo-se, té que aplanado nos escondeo o terreno, rarificou-se a mais, e perdeo-se.

A operação precedente incantou-nos, mas a seguinte esteve longe de produzir o mesmo effeito; qual a do Cão. Estava o triste animal com os olhos

na gruta, e apenas o homem tirou-lhe a coleira principiou a tremer. e a olhar para o lago, como não ousando encarar o seu supplicio, mas agarrado pelas quatro patas, e mergulhado no gaz, principiou a lançar arranços com a lingua de fora, e os olhos esbugalhados, todo em convulções, té que a respiração faltou-lhe, e ficou imovel: a piedade nos moveo supplica em seu favor, mas o homem queria completar a sua operação; alfim o retirou, e logo que ganhou novo ar, entrou em novas convulções, procurando respirar; rolou sobre o terreno para firmar-se, té que encontrou um arbusto, que o escorou; gemendo se ergueo trémulo, titubeou alguns passos em remoinho, como se soffresse uma parada na cabeça, melhorou, e fugio: mas o amo o chamou, e elle timido voltou; porém que expressão tinham seus olhos! que phisionomia não apresentava o mais intimo amigo do homem, comparada com a do riso grosseiro, e compassivo do senhor! Misero animal, victima sem defesa, exposto ao ociosidade de um sybaritha, que vive do seu tormento, e á curiosidade de outros, como nós, que contemplamos a dor de um ente, que tem os mesmos direitos de liberdade sobre a terra, só para contentar a vaidade de dizer; *eu vi*. O mundo é uma scena de destruição continua. M. Magendie tortura mil animaes no amphitheatro do Collegio de França, e entre dores e angustias eleva a sua gloria, e aperfeiçoa a phisiologia; mas o seu fim é o da conservação do homem, que mais egoista, e mais forte, sacrifica os outros animaes para seu bem:

agradecemos ao senhor de nos ter dado maior intelligencia.

O quadro das nove collinas, que circulam o lago, o jardim que rodeia o Casino gothico do Principe Carlos, a multidão de sapinhos, que saltavam na relva, vieram desfazer tão penivel sensação. Desenhámos a gruta, para lembrança. Plinio faz menção d'esta gruta, e outros historiadores; mil sonhos fabricaram os antigos, mas a chimica moderna dissipou todas as nuvens d'hypothesis com os seus progressos. Conta-se, que Carlos VIII Rei de França alli fizera morrer um asno, e que D. Pedro de Toledo dous escravos, e para realisar a experiencia necessario seria que os algozes os conservassem emborcados para melhor privar-os da respiração do ar, e assim morressem.

Estufas de S. Germano.

As thermas magnificas, cujos restos inda annunciam seu antigo esplendor, estão substituidas por uma miseravel choupana, que repartida em camaras, serve para abrigo de algum infeliz, e dar ganho a alguns sybarithas que as guardam, por meio do tributo, que o estrangeiro paga, visitando alguns quartos mal caiados, que exhalam fumo dos muros, fumo, que embranquece logo que se lhe aproxima o fogo. A proporção que se penetra o fundo da collina o calor augmenta até 40 grãos do thermometro de Reaumur. S. Gregorio Magno diz, na vida de S. Germano, que este santo indo áquelle logar recobrar a saude, encontrára a alma de Pascasius,

e que por meio de suas oraçoens o livrára do tormento.

Continuando a estrada emboccámos á esquerda por um trilho estreitissimo, grotta pictoresca escorada por duas collinas risonhas cheias de parreiras, e pomares, até que chegámos a um lugar onde estava uma pequena casa : o sitio era terrivel, a terra parecia queimada pelo fogo, rochas desmornadas, cobertas de mesquinhos arbustos, e variadas de côr, algumas vinhas na base, e o lugar solitario; entrámos na casa, e vimos d'um lado dous tanques forrados d'azulejo, e por traz um buraco no chão em cuja base fervia uma agoa lodosa : Dous Napolitanos, embrulhados de capote, dormiam a somno solto com um calor de 30 grãos de Reaumur, como outro qualquer homem á sombra d'um platanô, balançado pelo zephyro matinal: no fundo havia uma gruta com fórma de carneiro, onde, dissenos a mulher, repousavam os doentes depois do banho em cima de um sofá de palha de trigo. As paredes suavam salitre e amoniaco; e a agoa logo que se tirava do seu tanque esfriava, prova que repousa sobre uma pedra inflammada, como as que vimos na cratera do Vesuvio.

O viajor é obrigado a visitar não só aquillo que deseja, como tambem o que não lhe interessa; pessoas s'encontram na sociedade, que perguntam-lhe se víra uma pedra que está á esquerda ou á direita de tal sitio, ou a arvôre, que acobertou fulano ou sicrano, quando por ali passára, etc., e si se lhe responde, que não, gritam logo : *então nada vio!* Já

dissemos que o nosso fito era archeologico e artistico, outro não poderia ser; algumas ideias philosophicas, que possuimos, não bastam para formar um viajoresclarecido, e o mais ignoramos quasi completamente, pois não demos annos a estudo como ao que nos pertence, e como se vê na analyse, e restauração dos monumentos da Villa Adriana, de Palestrina, Roma, e Pompeia, e a nossa dissertação sobre a comparação da arte antiga com a moderna, que si ao menos não preenchemos a missão com aquella capacidade exigida, o fizemos segundo nosas forças, e nosas proprias ideias, procurando d'esta arte lançar um grão d'arêa sobre a estrada de nossa litteratura, para aplanar o terreno a nossos jovens compatriotas, que mais felizes, poderão amplamente elevar o edificio philosophico, que nos ufanará um dia, e para o qual principiamos a riscar o alicerce, na parte artistica.

Deixando os *Pisciarelli*, nome do lugar precedente, voltámos pela mesma estrada, e tomando outra, que cortava obliquamente a estrada real, principiámos a subir, não por uma estrada mas por um fosso, leito das agoas, similhante ao de Subiaco a Gennazano, e no alto encontrámos um pedaço descoberto da antiga via Puteolana, que passava perto do tumulo de Virgilio; continuando encontrámos aqui e alli fragmentos da mesma estrada, poligonos de tufo em grupos, de distancia em distancia, té a uma pequena capella, que encobria o contiguo convento dos Capuchos. Grande multidão de gente estava no templo; fizemos massa, e seguimos a tor-

rente, que acompanhava um Frade, o qual nos abriu, uma grade á direita da entrada, e nos franqueou um oratorio, onde está a pedra que servio de cepo a S. Januario em sua degolação, e que inda conserva o sangue secco; e ao sair outro piedoso religioso estendia um sacco para receber a offerta dos curiosos, e devotos. Na parte esquerda do altar mór está um busto de S. Januario, que é muito venerado por seus milagres; o Cicerone disse-nos: O santo que V. Excellencia¹ aqui vê é cousa maravilhosa; cada homem, que o encara, o vê de côr differente; aos bemaventurados elle mostra-se rosado, e branco, mas aos incredulos, e peccadores acontece o contrario, porque elle muda de côr, torna-se lívido, e algumas vezes negro. Perguntamos-lhe de que côr o vía, disse-nos, que pallido; precisamente o que nos acontecia, donde concluimos possuir o mesmo estado de graça.

O convento nada apresentou-nos de interessante; tomámos a estrada, que desce a Pozzuolo, e á pouca distancia do convento mostrou-nos o Cicerone uma pedra, que disse ser milagrosa, por que suava sangue nos dias em que se opéra o milagre da liquidação do sangue de S. Januario, em Napoles, e na outra pedra do convento: as manchas avermelhadas, que vimos eram do oxido de ferro, que a pedra continha, e que o canivete provou na analyse de uma raspadella.

¹ Tratamento de todos os Estrangeiros em Napoles, pelo povo.

Amphitheatro.

Os Romanos, na segunda guerra punica quando, se apoderaram de DICEARCHIA, cidade e porto pertencente aos Cumanos, a engrandeceram, e a embelezaram com todo o luxo, elevando amphitheatros, circos, theatros, thermas magnificas, templos, e mudaram-lhe o nome em *Puteoles*, por causa dos muitos poços que ahi abriram. Cada passo que o viajor dá sobre o terreno do Vómero n'aquella parte, encontra signaes do antigo florécimento e grandeza d'aquella cidade, e a extensão do seu amphitheatro prova sua população, pois podia conter quarenta e cinco mil pessoas.

Penetrámos pelos jazigos que ainda restam, todos de bella construcção reticular, vimos as duas capellas abandonadas, em memoria a S. Januario, e penetrámos por algumas abobadas desmoronadas onde vimos perfeitamente a fórma oval d'arena toda coberta de relva, e de pomares.

A frescura do logar, o solitario das galerias, o cantico dos passaros n'arena, contrastam sensivelmente com as solemnes festas do tempo de Augusto, e de Nero, que alli conduzíra Tiridates antes de o coroar em Roma; do rumor do povo nas galerias, e nos degrãos, dos gladiadores vaidosos, dos gemidos e lagrimas dos Christãos: do assombro de Thimotheo, logar-tenente de Diocleciano, vendo cinco mil pessoas convertidas á fé de Christo, pelo milagre de S. Januario, que alli exposto aos ursos, os abrandou por meio da oração e de sua fé; mas Thimotheo

não se converteo, e em despeito á sua colera ordenou, que o santo fosse decapitado immediatamente. A vista de um espectáculo tão bello, por que cada porção de muro, cada grinalda de verdura entoa um hymno, que inspira o pintor, e lhe offerece quadros de variada poesia ; a vista de similhante espectáculo visitou-nos á memoria a noite terrivel, em que saindo do Coliseo, em Roma, trez sicarios quizeram privar-nos de gozar o solo da Patria, quizeram roubar um filho unico á aquella que sempre o chora ; dia fatal, onze de Abril, que duas vezes nos apresentou a morte ; em Pariz com a myrrhada mão do Cholera morbus, e em Roma no punhal dos assassinos.

Labyrintho de Dedalo.

Depois do amphitheatro, vimos um columbario ; varias urnas funereas, d'esculptura grosseira, e um nicho ornado de mosaico desbotado pelo contacto do ar : quem sabe qual fora a familia poderosa que habitára aquelle logar ?

Perto, e quasi defronte do Coliseo está uma Piscina ou cisterna, chamada Labyrintho de Dedalo por causa das muitas cameras que encerra na successão das arcadas de suas galerias : a base estava cheia d'agoa, e o echo é bellissimo, pois multiplica o ribombo da voz por longo espaço. Este monumento é sem duvida o reservatorio das agoas, que serviam no amphitheatro nos jogos naumachicos : o seu estado é quasi perfeito, e dá ideia distincta

das piscinas arruinadas, que vimos em Tusculo, e em Roma.

Solfatarra.

Penetrámos por um portão, e o alito sulphurico do logar nos veio entre-cortar a respiração : do lado direito uma grande fabrica exhalando fumo amarello, e dentro muitos fornos incendiados, onde purifica-se o enxofre.

O Abbade Jorio diz : que o homem é um animal de habito. Aquelle que nasce nas profundas da terra, que entõa o hymno da vida, e a nenia da morte, sem jamais ter visto a luz do sol, sem ter respirado a fragrancia da primavera, sem conhecer uma estrella, uma cascata, um rio, uma cidade, o prova¹; assim como os obreiros da solfatarra, que se aprofundam na crosta, que serve de tenda a cratera d'um vulcão, que ainda respira, como o leão que dorme : caminhar sobre uma abobada de enxofre, que repercute em cada passo um echo de morte; ver a terra fumegando de todos os lados por frestas, que separam irregulares glebas, onde um mesquinho arbusto vegeta, como o homem na masmorra da inquisição, respirar um ar que asphixia a todos, sem provar a menor alteração, só pode o habito; sim, o habito prepára e dispõe o Laponio a viver na furna coberta de neve quasi eterna, estabelece um nivel entre o crime e a

¹ Nas minas da Silesia.

virtude ; dá sangue frio , e mesmo um certo prazer ao assassino na prolongação de sua obra ; o habito estabelece a repugnancia e a sympathia no homem , e o torna apto para continuar qualquer missão.

Este logar chamaram os Antigos *Forum Vulcani*; Plinio e Strabon o consideravam ja como vulcão semi-extincto, mas em 1198 fez uma violenta erupção de fogo e pedras, que estragou horripelmente o paiz : a fabula diz ter sido alli o logar onde Hercules combatêra os Gigantes ; o povo crê ser uma das gargantas do inferno, e o celebre Capaccio esforça-se em proval-o. Sismondi nos diz : que o Imperador Frederico III depois do seu cazamento com a Princeza Eleonora de Portugal, em Roma, vindo a Naples, Aphonso o recebêra com toda a pompa , e entre as diversas festas que fizera , a mais espantosa, e a mais pomposa foi uma caça nocturna no recinto da solfatarra, onde a disposição das luzes n'aquelle circo formado pela natureza , o numero dos animaes , a musica , o brilhantismo das vestes dos caçadores , pareciam realisar os prodigios da magia.

A solfatarra é a verdadeira imagem de uma nação que lucta em guerras intestinas ; é a imagem de nossa Patria , que fumea sangue nas duas extremidades , e ameaça no centro uma errupção terrivel , que talvez a 'desmembre para sempre ! Deos nos proteja.

¹ *Historia das Repub. Italian.*, t. VII, p. 142, ed. de Bruxellas.

Pozzuolo.

Sic transit gloria mundi! *Puteoli*, d'origem grega, já levantou a fronte á face da terra, e franqueou seu porto ao Oriente : milhares de náos , vindas de mil logares, cobertas de homens variados em cor , em phisionomia assim como suas patrias, leis, e costumes formigavam no mar e na terra , e estendiam o aparato da variedade, e a riqueza do commercio. Cicero a chamava — *Roma pequena*, — e com razão; basta que a historia nos mostre quão predilecta aos Imperadores e á nobreza de Roma era sua habitação, basta isto somente, e arraiar a vista sobre o seu terreno , coberto de augustos par-dieiros , para na imaginação apparecer uma cidade de maravilhas e incantos. A columna em pé, que o viajor encontra no meio do deserto circulada de fragmentos de cornijas , de capiteis, acanthos de marmore entre acanthos e cardos naturaes , os festoens do cinzel engrinaldados com os festoens das flores , este contraste da arte e da natureza , da morte e da vida escreve na imaginação com lettras indeleveis o epithaphio de uma geração extincta, que desapareceo, marcando os seus passos com seus monumentos ; mas os monumentos são grãos d'areia, são combros que agglomera o sopro de tempo, e que arrasa o sopro de tempo durante a marcha do universo. A natureza e o homem levantaram a mão da devastação sobre estes logares, o mar invadio a terra, e a terra invadio o mar. Hoje tudo está mudado, montes surgiram da terra, encobriram as

planices, aterraram lagos e canaes, estenderam as praias, e transfiguraram a topographia do terreno : as revoluções da natureza formam o mesmo contraste que as vicissitudes humanas ; o ar, que era puro, hoje é pestífero, e o que era pestífero perdeu sua damnosa influencia. Pozzuolo foi opulenta, hoje é miseravel, Cumas e Baías existiram, e hoje desapareceram ; apenas se notam alguns paredoens cor de ferrugem, que se mergulham na terra, e lá mais ao longe se alinham com outro ; semelhantes ao papyro desenterrado, que mostra em seus andrajos aqui e alliuma phrase isolada, cujas letras apagadas se desfazem mal se toca : pedras sepulcraes sobre o nicho d'um columbario, cujas letras indicam o nome de homens, que existiram, mas so atomos de pó s'encontram na urna, que os guardára!

Ces temples du plaisir par la mort habités,
Ces portiques, ces bains prolongés sous les ondes,
Ont vu Néron caché dans leurs voûtes profondes,
Condamner Agrippine au sein des voluptés.
Au bruit des flots roulans sur cette voûte humide,
Il veillait, agité d'un espoir parricide ;
Il jetait à Narcisse un regard satisfait,
Quand, muet d'épouvante et tremblant de colère,
Il apprit que ces flots, instrumens du forfait,
Se soulevant d'horreur, lui rejetaient sa mère¹.

Do alto da collina olhámos para Pozzuolo, e cuidámos ver o ameno sitio do Jardim Botanico do Rio de Janeiro, e quem vio este ultimo poderá ajuisar da belleza do lugar. A cidade se estendia em uma

¹ Casimir Delavigne : *La Sybille. (Messénienne.)*

peninsula, e destacava-se em branco sobre o azul purissimo do golfo, que se arrematava á direita pelo Cabo Misseno, e Castello de Baías, as collinas de Cumas o Monte-Novo, e a Academia de Cicero que inda hoje chama a veneração do peregrino. Descemos á cidade, e visitámos o Templo de Serapis, que inda hoje conserva tres columnas em pé, restos escapados á barbaria de nossos contemporaneos, que despojam as antiquidades de seus ornatos, privando o archeologo do livro que lhe mostra a pagina viva de seus estudos.

Do antigo Templo restam inda algumas cameras quadradas, e a basedo pequeno pantheon, que era circulado de um peristyllo de 16 columnas de marmore, que sustentavam o Zimborio; alguns restos de muros, nenhum vestigio das quatro escadas, e dos mais ornamentos; com tudo o plano será um tanto facil levantar, a pesar de que as agoas lavaram por muito tempo o pavimento, e o resto da ara: depois da devastação das agoas veio a devastação dos homens, que alem de demolirem como as primeiras, transportaram para os Museos o que acharam, como si o viajor não tivesse um Museo mais sublime no proprio tumulo do monumento.

Pozzuolo é pictoresca de todos os lados, e grata aos olhos do pintor e do archeologo, mas não aos do economista: uma população miseravel, que habita em mesquinhãs habitaçoens substitue a opulenta sociedade de Roma, os depositos e armazens da Fenicia, de Tiro, do Egypto, e mais orientaes; população que parece surgir de suas cinzas, depois dos incendios de Alarico, e de Genserico.

O Abbade Jorio descreve em duas palavras suas vicissitudes, escutemol-o. « Em 542 foi arrasada por Totila, e ficou abandonada dos paisanos durante 16 annos. Os Gregos, que moravam em Napoles, a repovoaram. Romualdo II Duque de Benevento a conquistou, e de novo a passou a ferro e fogo. No decimo seculo foi saqueada pelos Sarracenos. Em 1045 João. Duque de Napoles se assenhoreou d'ella, e no seculo decimo quinto passou ao dominio de Alphonso, Rei de Napoles.

Os estragos, que soffrera em diversas epochas, os incendios da solfatarra, e os terremotos horriveis de 1348, e de 1583 a reduziram ao estado presente.

O resto da cidade não contem cousa de grande interesse : na praça se vêem duas estatuas olhando uma para a outra, e separadas por uma fonte; as casas conservam o character que indicamos em Napoles. Visitámos outros sitios, gozando do pictoresco que apresentam as vicissitudes do tempo; mas como a fome nos perseguisse, corremos a um albergo para descansar-mos, e reparar a fadiga da jornada.

Perto do porto encontrámos uma cosinha que fumegava, e nada tendo d'interessante ao padar, fomos a uma rua perto, comprar peixe e ostras, e ordenámos o jantar. Em uma camera pequena, e unica sentamo-nos a ler Vasi e Jorio, dest'arte aclarando a vista para melhor observar, té que acabámos o jantar. que foi em companhia de uma sociedade napolitana, que nos deo o espectaculo mais espantoso que se pode gozar; de certo, o que comeram aquellas almas bemditas, que não eram mais

que 10, daria em outro paiz nutrição farta para 40 pessoas de bom apetite : os pratos collossaes de macarrão, e as extensas fritadas, o repetido vinho, que não se vasava por copos, mas por picheis, parecia-nos estar vendo, em Homero, a descrição do jantar do Cyclope a quem Ulisses privou da vista.

Acabado o jantar, medimos o tempo, para ver si poderíamos fazer a viagem de Eneas aos Infernos, mas a multiplicação e distancia assás dos logares saíram ao encontro do projecto, e transferido foi para outro dia; mas Cumas nos volvia a mente, Cumas nos reproduzia mil scenas na imaginação; consultámos a bella carta de J. H. Westphal, e com ella partimos tomando a estrada beira mar, deixando á direita o monte Gauro, e a Academia de Cicero, remontámos a que costêa o Lago Averno; pouco a cima da Casa de campô do Duque de Cassole parámos para contemplar o inimitavel quadro que a natureza offerecia, o Lago Averno, o Lucrino, o Oceano, Baias, e o Cabo Misseno.

O Averno abria-se em perspectiva oval, no primeiro plano era cortado por fresquissima verdura, que subia pela collina, que o rodeia, até esbarrar no muro, que ampara a estrada de Cumas, onde estavamos sentados : do lado direito prolongava-se um bosque por entre casas, e estacava sua verdura n'uma ribanceira àrida, que se liga com o monte Crila fronteiro, em cuja base por entre o negrume dos arbustos viamos a Caverna da Sibylla : do esquerdo as ruinas de uns banhos antigos, que Lourenzo Palatino crê ser um templo de Plutão, sobresaíam

entre as arvores, ruínas respeitaveis, pois resistiram a erupção de 1538 ; por traz o Monte novo separando o Averno do Lucrino , e a planície que se estendia ao mar. Ao longe a linha do Mediterraneo , o Cabo Misseno , o Castello de Baias supino á montanha : o reflexo prateado do céu , pela abertura do lago , o vago do horizonte , a massa de verdura estavel , com o movimento ligeiro das agoas se assimilhava a uma ponte arruinada, e coberta de arbustos, tendo por baixo um rio tranquillo , á vista do qual o olho s'enamora n'um mystico incanto.

Outr'ora unia-se o Averno ao Lucrino por um canal, que continuava ao mar, e desembocava no porto Julio, obra tão decantada pelos antigos , mas o terremoto de 1538 apparecendo abriu a terra, que do seu seio lançou turbilhoens de fumo envolvidos de pedras ardentes e areia, de maneira que submergio a villa de Tripergola, e em seu lugar elevou o monte , chamado o novo, que serve de mausoleo á sepultura d'aquelle lugar ; reconquistando d'est'arte á terra , o terreno que lhe roubára a mão do homem , e separando os dous lagos , uma milha um do outro.

Uma terra sem reminiscencias é uma mulher sem virtude : a natureza pode prodigalisar os dons da formosura, formar um todo composto das mais bellas formas , mas logo que o prestigio o desampára , esse astro , que brilhava na imaginação , esse simulacro digno de adoração transfigura-se em um esqueleto , desloca-se , e perde-se no feretro escuro da habitação do crime : e , ao contrario , quando ha

a graça do pudor, essa nuvem que colóra as paixões de um véo mystorioso, que espalha um diaphano vapor, e levanta uma barreira ideal á nossa alma, tecendo a incantadora cadeia das illusoens, das illusoens tão gratas na vida, e que formam o tecido da mesma vida, renovando-se de dia em dia sobre o collo da esperença, té que a morte nos roube a luz da vida.

O Lago Averno por si só tem as bellezas da natureza, mas a mão do homem traçou n'elle saudosas reminiscencias; o passaro hoje pode pairar sobre suas agoas sem encontrar a morte. Os Cimmerianos habitaram aquelle logar á sombra dos espessos bosques que o contornavam, predisendo o fucturo: todo o lugubre que a antiguidade situa em tal logar, apesar do machado de Octavio Augusto, que decepára seus bosques filhos dos seculos, inda respira melancolia.

Foi n'aquelle lago onde o divino Maro, depois de subir ao Olimpo, precipitou-se, e desceo ao infinito fundo para temperar a lyra no escuro reino de Dites, cujas cordas inflammadas, e feridas pela mão do genio, vibravam o infernal concerto, animado por phantasmas que respiravam o horror!

Continuando a estrada, vimos os restos do aqueducto que conduzia agoa á Cumas; chegámos ao *Arco feliz*, porta de Cumas, veneravel ruina que se escora entre duas collinas, coberto de relva que o ampára do tempo, offerecendo por baixo restos da antiga via Domiciana.

O guia convidou-nos a tomar o trilho da direita,

e atravessando uma vinha, chegámos a um ponto onde a vista se arraiava nos mais lindo horizonte, que imaginar se pode; mas o coração cobrio-se de um dó lacrimoso, e dissemos a nós mesmos; onde estamos, que logares são estes, tão bellos, tão risonhos, e por que nas inspiram elles tanta amargura? Mas a voz da historia nos gritou.—O Tûmulo de Cumas, que se perde no passado, como seus templos, palácios, thermas entre o pó da terra! —

Subimos ao Arco, e sentimos renovar-se a sensação que tivemos no lago de Genebra; a saudade, e a melancolia.

Perto a um paredão, que conserva um nicho ar-ruinado, sentamo-nos, lançámos os olhos para a direita, e por entre rolos de nuvens vimos o Cabo Circeo, Gaeta, e o mar povoado de Ilhas, que uma a uma nos narravam mil acontecimentos; do lado da terra o lago de Licola, que resplandia como um adereço de prata; o lago de Patria, o promontorio de Cumas com as ruinas do templo de Apollo; o cabo Misseno, onde Corina cantou sobre o tumulo do Palinuro d'Eneas; do lado esquerdo, vinhas sobre vinhas, que se abriam, mostrando-nos Procida, com suas collinas ferteis, seus banhos, e seu povo vestido á grega. Que sitios incantados! Ulisses escapando dos laços da Maga, e encontrando as sombras de Ajax, Patroclo; Dedalo consagrando as suas azas a Apollo! Misera Cumas, onde está o sepulcro de Tarquinio, a tua Sibylla, e seus livros; quantas batalhas viste, Annibal, as Lombardos, Capuanos, Totila, Narsete, e depois covil

de piratas, té que os Napolitanos te redusiram a vinhas!

Jerusalem, o anathema da Providencia não se estendeo a ti somente, e quem sabe si a Cidade perseguidora de teus filhos, um dia verá o árado passar por cima da cupola de S. Pedro? Nós não podemos dizer — não —, por que si hoje habitamos na praia, a manhã no mar, ou na região dos passaros; a terra nos dá exemplo, montes se erguem, e montanhas se submergem. So Deos é estavel!

Este poemeto que se segue, é a voz da inspiração, que guia o sentimento do coração, é a voz da natureza, é o echo das ruinas repercutido por nossos labios: cada ilha que povoa o mar tyrrheno, cada gleba que s'eleva sobre aquelles ~~locaes~~ ^{locaes} exalçou um hymno ou uma nenia á nossa imaginação, que o reproduzimos em mesquinho métro: não é o Poeta, é o Artista; é o pincel que sobre a palheta toma a forma do alahude do Bardo, e desenha os quadros que a historia narra, e que a reminiscencia desperta á vista dos logares, que foram testemunha de taes scenas.

A VOZ DA NATUREZA.

CANTO

SOBRE AS RUINAS DE CUMAS.

Palpebras minhas, lividas de pranto,
Deixai a triste inercia, que vos peza,
Deixai que os olhos meus livres se estendam
No sangrento horizonte, que m'estreita.
Lavai, lagrimas minhas,

O funesto painel, que se me antolha
N'estes mal esbroados monumentos,
Reliquias Colossaes do augusto imperio,
Que outr'ora o Palatino sustentava;
Limitado embrião depois crescendo
O Flagello tornou-se do Universo!

Gemeo espavorida a Humanidade,
Quando vio baquear o vulto immenso
Do gigante Romano; titubante
Arripia abalada, e se aprofunda,
No tenebroso cáhos da barbaria,
E co' os évos respira lento a lento!
Tal peregrino incauto ouve o estrondo
Da fendida montanha, que desab a,
E um rochedo atravessa ante seus passos!
Ou a virgem, que flores recolhendo,
Vê o raio a seus pés abrir um túmulo;
Foge-lhe a mente do gelado corpo,
Mas alfim corre o sangue, pensa, e marcha!

Tu, que oscillas nos tropicos luzentes
Sobre as azas do sol, Anjo melodico,
Que os metricos arpejos cadenceias,
Vem minha harpa tanger, regar meu canto,
Que entrecortam suspiros e soluços!

Despe as vestes da aurora,
As das trevas trajando, luctuoso,
Vem pairar, merencorio, sobre a campa

Da morta, grega Musa!

Vem, oh Anjo melodico,
Sobre a fronte insufflar torrente limpida,
Espelho transparente, onde as estrellas,

A terra, a Humanidade,

Em perennal cadencia

De vortices harmonicos circulam.

Reminiscencia, abri as vossas paginas ;
 Sobre a trolha da historia revolvei me
 O induito d'ouro e lódo,
 Crimes , virtudes, prantos, e sorrisos ,
 E sobre os mal cobertos alicerces
 Os Templos levantai, thermas , e paços ,
 Amphitheatros , circos, maravilhas
 Do compasso e cinzel do grego engenho.
 Surgî, sombras Romanas ,
 Agitai vossos átomos ,
 As barreiras da morte atravessando ,
 Passai da eternidade á luz do dia ,
 Collocai vossas scenas
 Ante os olhos brasilios.
 Narcotico silencio , noite eterna
 Fugí, fugí, que eu canto !
 De sonhos lisongeiros, d'esperança
 Acalentai-me a voz, oh cara Patria :
 Solitaria viúva , Mae querida ,
 Do peregrino filho acceita o canto.

É co'a historia, e monumentos
 Que o genio á posteridade
 Traça a esteira luminosa
 Dos annaes da Humanidade.

D'olvido abrindo o sarcóphago ,
 Rasga-lhe o manto da morte ,
 Patenteia á luz do dia
 O mal , o bem , fraco, e forte.

Que magico prodigio se levanta
 Sobre o dorso das ondas inconstantes ?
 Em triplice camada o arco iris
 Se apavona dos pollos ás estrellas,
 E as cores emmaranha, descrevendo

Auroras boreaes, raios mesclados ;
 La do centro dispára,
 Uma voz, qual trovão, entre relampagos !.....

HORIZONTE.

Sou sepulchro, sou berço ao firmamento ;
 Entre a terra e os céos marco os limites :
 Eu sou da eternidade a véra imagem ;
 Póde o homem correr seculo e seculos,
 Jamais encontrará balisa ou ráia,
 Que o começo e o fim marque a meu reino !
 Narrai oh terra, máres, promontorios,
 Ilhas, vulçoens, planicies, rios, montes,
 Dos fastos vossos o sangrento mappa :
 Cada dia em que o sol beijou-me a fronte,
 Cada noite em que a lua dei á terra,
 Novas scenas os astros me trouxeram ;
 Transiçoens d'anathêmas, d'hymnos gratos,
 Ora impreca, ou exalça a Humanidade !

*Quindi monte Circello orrido appare
 Col capo in cielo e con le piante in mare*¹

CIRCŒUM.

Outr'ora o mar beijou-me a rija base,
 E d'estrellas phosphoricas as ondas
 Meus pes endereçavam !
 Prodigios desdobrando a maga Circe,
 Deslizava em meu tergo freseas agoas
 Entre leitos de opalas, e saphiras ;
 Com Louros, myrtos, rosas
 Dadivosa a natura ornou-me em torno :
 Sylphos aérios, simulando o iris,
 Entre os lindos acanthos se aninhavam

¹ Tassoni, canto X, st. xxiv.

Do prostylão suberbo, Templo augusto,
 Que a Oceanida Magica
 Erguera d'um aceno ao pai do dia;
 Ulisses penetrou-me as saxeas visceras,
 Com Tiresias fallou no averno paço,
 Co' Anticleo, Agamenon, gregas larvas,
 E os guerreiros que á patria deram lustre.
 O suberbo Tarquinio, em cuja fronte
 Um crime filial quebrou a facha,
 Minhas terras encheo d'alta colonia:
 E do antigo esplendor ora me restam
 Reliquias sacras, a infernal caverna,
 Helleneos javalis, outr'ora nautas¹;
 E a vaga gemibunda, que na praia
 Em horrorosa nenias me compunge!...

GALETA.

Sou funebre atalaia ao mar Tarhēon;
 Os ossos consumí d'Ama d'Eneas:
 Em marmoreo padrão marquei os ventos,
 Dei abrigo, e refresco a mil esquadras,
 O calvo Scipion, o nauta Lœlius,
 Em gratos brincos d'infantil incanto
 Sobre mim deslizaram almos dias.
 De Scaurus, d'Adriano vi palacios,

Hoje curvadas ruínas
 Sobre a terra gemendo, se esboroam.
 Eu vi de Conradino o punho ungido
 Regar c'o regio sangue algemas gallias;
 O fabuloso Liris em seus charcos
 A Mario proscriptor refugio dando,
 Que o Cimbrio respeitára
 Na famosa Minturno.
 Não tenho uma só pedra, um grão de terra

¹ Veja-se a nota no fim.

Que lavado não fosse em sangue humano ;
 A Hespanhocs , Allemaens , Sardos , Francezes
 Em furioso assedio dei a morte.
 Narrar-te almejo , em summa , para approbrio
 Das naçoens , e dos homens ,
 Meus fastos sanguinosos ; mas não posso ;
 Parroxismo de morte ,
 Emmudece o meu Genio , e o desáza.
 — Do paladino Orlando encára a torre !...

Negrejava entre o azul do aerio espaço
 O supino padrão , outr'ora tûmulo
 De Plauco , que manchára
 De Censor a missão severa , e santa ;
 Sobre as saxeas ameias s'elevava
 Um pennacho de fumo negro , espesso ,
 Que no ar s'encrespando agglomerado ,
 Mil phantasmas creava , e desfazia ,
 E oscillando cubria a costa e montes !
 Subito s'inflammando em mil coriscos ,
 Igneos andrajos darda , se arraiando ,
 E a meus olhos esboça um quadro horrivel ;
 Qual n'um baixo-relevo carcumido
 Pela lima dos seculos ,
 Vi por terra deitada uma liteira ,
 Ensanguentado escravo baqueando ,
 Sobre a estrada , sicarios pais de crimes ,
 E o tribuno Populius , sobre o peito
 Do pai da patria , o tredo gladio embebe.
 Margens fataes ao genio e á virtude ,
 Que a Cicero dão morte , a Mario o dia !

OCEANO.

A vaga que remonto , e d'outra envolvo ,
 Hidraulicas muralhas , pharos , templos ,
 E os rochedos que esb'rão ,

A scenas do Universo representam.
 Ora liquidas campas abro, e feixo,
 Na garganta de um monstro a morte pondo;
 Ora m'envolvo do tranquillo manto,
 Onde os astros se miram, reflectidos;
 E a meu grado consinto em leda esteira
 O rosto deslizar sobre meu dorço.
 Em leitos d'ambar, de coráes, e per'las,
 Mil thesouros vedados tenho á terra:
 Nem a estrella Acarnar, Cruzeiro, ou Ursas,
 Meus segredos conhecem.

Eu dos vulçoens penetro o negro adyto,
 Subo ao cimo das serras ennevoadas,
 Tenho minas profundas, que passeiam
 Em rapidas correntes todo o globo:
 Um aceno da mão, que rege os astros,
 Faz meu leito mudar, mudar a terra,
 E as primevas cidades, que ornam o mundo,
 A secco deixarei, sorvendo as suas fontes.

TUBERAO.

Insepulto não fica o nau'ta ousado,
 Que a cubiça conduz ao mar fremente!
 Das batalhas navaes sou vivo tûmulo!
 As carnes devorei, fundi os craneos
 De Phenicios, de Gregos, de Romanos;
 No cabo tormentorio ao Luso audace
 Em meu ventre mil vezes dei sepulchro.
 Quando o Anjo da morte sobre 'as ondas,
 Tétrico paira, as fauces abro, escuto
 Si o cunhão a meus dentes pasto manda;
 As mandibulas rinjo co'a mitralha;
 No festim d'um cadaver qu'eu devóro,
 É meu hymno o furor, meu nectar sangue.

UMA COLUMNA DORICA.

Este, que ves curvado sobre a terra ,
Marmoreo espectro, enferrujado tronco ,
Tarquineo peristyllo outr'ora ornáva !
Não é do tempo o limo, o pó dos évos,
Que meu corpo cingíra em rubras listas;
Ensanguentadas togas, dando aos áres,
Crimonosos duendes noite, e dia,
D'infernal symphonia me rodeam,
Por harpas tem gemidos, lyras úrros,
E no horrivel concerto me apregoam,
O diluvio de crimes
De TARQUINIO o suberbo.

ROUXINOL.

Sobre un. olmo fabrico o meu paço,
Que illuminam os cirios de céo,
E cantando adormeço contente,
Quando a noite desdobra a seu véo.

Com meus hymnos saudei esta aurora,
E no calix da flor mel achando,
Me nutrí, e o silencio do bosque
Novo hymno m'está inspirando.

Quão ditoso o amante qu'espera
O seu bem pela noite; e o réo
Quão tristonho não sente o seu fado,
Quando a noite desdobra o seu véo ?

Astro ephemero vivo na terra,
Mas ridente no berço cantando,
Passo a vida contente, e a morte
Novo hymno m'está inspirando.

Ah canta, canta, oh Genio da innocencia,
 Mais feliz que o mortal, que pensa, e rege
 Esta terra de pranto, e de desastres!
 Tua estrella no Oriente exalça um hymno,
 Que prolonga-se a Deos na curta orbita,
 Mas, no rosto, morrendo, um hymno volves,
 E a natura te frúe a extrema nota.
 Chora a flor, chora a planta, e o lago límpido,
 Quando a morte te quebra a flauta aérea,
 E sem imprecações baixas ao túmulo.

PONTIA.

De jardins coroou-me Circe a fronte,
 O tempo os consumio; de Roma ergastulo,
 Devorei entre lagrimas as victimas
 Que a justiça e vingança me trouxeram:
 De Germanico ao filho primogenito,
 O espectro da miseria,
 E o abutre da fome
 Vi em torno gyrar, roer-lhe a vida!
 De Tiberio, e Sejano
 Vi com magoa vinganças realizadas.

PANDATARIA.

Graça, doçura, espirito; belleza,
 Eu vi em negra furna definhar-se;
 Do paterno rigor Julia foi victima,
 Victima de seus crimes,
 Crimes que a natureza lhe infundira!
 Lugubres scenas, do remorso filhas,
 Ante os olhos gyravam da beldade;
 A turba lisongeira, os seductores,
 Os cortejos, theatros, jogos, risos,
 Em delirios saudosos reviviam;
 Ora em astros voando, ora em duendes;
 Tal póde a reflexão depois dos sonhos!

Sempronius Gracchus, que de Agrippa o thoro
Sacrilego inundára, sobre o gume
De ferreo gladio, terminou seus crimes.

GAIVOTA.

Entre a purp'ra d'aurora o sol surgia ;
Qual escudo argentino em mar de sangue
De guerreiros, que a morte traspassára ;
Sobre as agoas pairando,
Ao rubro camarão, tenues peixinhos,
Com meu rosto fisingando, dava a morte,
E d'esta arte cumpria a lei da fome ;
Ufanosa trireme auri-purpurea
Ovante deslizava o salso pélago ;
Qual um cysne desliza á flor do Eurotas ;
Cem braços lateraes remos moviam ,
Debuxando grinaldas d'alvas flores,
Que o cost'ado açoutavam, se perdendo
Entre a esteira e no ár em remoinhos :
Cavalleiros gentis no baixel firmes,
D'aureas couras, de cotas purpurinas,
Floreavam tropheos pingues de sangue ;
Em fileiras orlados os trombetas
Concertavam melodicos, unisonos,
Nenias, que os sistros, flautas redobravam ,
E na popa entre a purp'ra realçava
Caligola, do imperio arbitro augusto :
Jamais ondas fendêra não tão bella !
Estava o céu tão puro e crystallino
Que os reczios da mente afugentava ;
Fagueiro o vento as vélas empolando
Do baixel, apressáva a grã carreira
Subito no horizonte negra nuvem
C'o vento se aproxima se augmentando ,
Cresce a mais o negrume, eis surge ao perto,
Furibundo, medonho, vento horrivel,

De saxeio e cego antro fugitivo ,
La donde a noite surge ennegrecendo
C'o tartareo pincel a luz do dia.
Terribil tempestade ás nuvens sobe,
E a plumbea face mira no Oceano ,
Atro aspecto pintando n'apparencia ;
Co'as ferreas mãos premando a atmosphaera ,
As nuvens sobre a terra fera calca ,
Acanha a natureza , o mar affronta ,
Qu'em raiva se agitando espuma e ronca :
Da barathra caverna surge irosa ,
Tramontana infernal com sopro horrendo ,
O mar ergue em columnas , que ameaçam ,
C'os brancos capiteis tocar ás nuvens ,
E perdendo o equilibrio, que as levanta ,
Tombar , quebrando a não em mil esquírolas :
Ronca o polo , ribomba no horizonte .
Vagaroso trovão , fusilla ao longe
Ingente furação nocturnas vestes
Traja , e do sol extingue a claridade.
Crescem as ondas , montes se accumulam ,
Jogam de lado a lado , uns contra os outros ,
Surgem mais altas as undosas serras ,
E em vezuvios d'espuma ao ár espirram !
Zune , assovia no maçame o vento ,
De bombordo a estibordo arfa-se o lenho ,
Sorvendo as ondas pelas brechas vácuas ;
Ringem da não as madeiræes costellas ,
E o som medonho afflige , e fere o peito ;
Alpendram-se as maretas
Sobre o pando convês , auhota a nave,
Que entre rijos cachoens saracoteia ;
Vergam-se os mastos , tezam-se as cordagens ,
Fraqueiam das adernas ferreas unhas ,
Estalla o mastareo , que a ré sustenta ,
E lascado nas cordas se emmaranha ,

E cai alfim sobre a convés gemendo ;
Tolda-se a ordem ; e o pavor no peito
A um lagrimas filtra ; outro holocaustos ,
A Neptuno e Penates vota tímido ;
So Reina a confusão , perde o compaço ,
A phalange remeíra emmaranhando
As vogas , qual s'encruzam na peleja
Travadas lanças , onde luz a morte !

Soa a trompa arrojada
Do palinuro audaz : arborea flamma ,
Se desaba das nuvens , cai de xofre ,
Sobre equorco cylindro , que s'enrola
Entre andrajos d'espuma , e no costado

Furibundo abalroa ;
Treme a náó, estremecem as estranhas ,
E as ondas no convés de novo saltam.
A esperança é ora esvoaçando ,
Luminosa nas mentes , s'escurece
Em deliquio mortal temporisando ;
Mas alfim outra vaga se levanta
Frustra, e trasfega o sestro augurio , dando
Ao navio o balanço , ao leme força :
Recolhe pouco a pouco as negras vestes

O oração furioso ,
O sol enfia um raio , o mar beijando ,
E sobre a vaga azul ouro polvilha :
Foge o medonho espectro , e a Natureza ,
A face desenruga , ri-se , e manda
Alegria , esperança ao peito humano ,
Que na praia ja toca salvo , e ledo !

PONTIA E PANDATARIA.

A turba alija a náó, e Caius Cesar
Aurea prancha conculca, e baixa á terra ;
Modesto columbario as cinzas guarda
D'Agrippina , e de Nero ;

Filial gratidão , amor fraterno
 Caligola fingia ;
 Co'as proprias mãos em urnas de basalto ,
 As reliquias augustas deposita ;
 Lacrimoso s'embarca ,
 E á pentagona Ostia dá de róta ;
 Pelo Tibre remonta , e as urnas guarda
 No de Adriano túmulo soberbo :
 Caligola sensível , terno , humano
 Sobre uma acção tão pia emfim repousa ,
 Qual repousa a serpente em vítreo globo.

PONTIA.

Consumi de Nerêo , Flavia , Achilleo ,
 Do soldado Montano a carne e os ossos.
 Venerando Severo , santo e justo
 Com seu sangue christão regou-me os lares .
 Jamais verei um dia tão sublime !
 Sidereo peristylo , alcaçar d'ouro
 Entre nuvens se abriu , descem á terra
 Celestes Cherubins de luz envoltos ;
 Amplas tunicas , nitidas o ether
 Lambiam , e as estrellas nas madeixas
 Em concerto perenne voltijavam
 Em torno a um sol , que á fronte resplendia ,
 E a facha adamantina arrematava !
 Jamais ouviu a terra tal linguagem ,
 Jamais ouviu a terra tal concerto ,
 Jamais a terra ouviu tal melodia !
 Floreavam na dextra verdes palmas
 De perpetuas , na sextra , rouxas c'roas ,
 Que de aroma celeste embalsamavam
 Os céos , o mar e a terra ,
 Palmas do céu , do martyr , que a victoria ,
 Com Fé ganha , Esperança , e Caridade :
 Assim ao céu os anjos conduziram

O filho do Pastor , que no Calvario
Co' um suspiro mudára a face á terra.

PANDATARIA.

Carnivero festim , horrido brodio
Sobre a meza infernal Nero aparelha ;
Obolo criminoso engrossa a somma
Do mealheiro satanico.
Beijos libava nos sangrentos labios
De Nero a criminosa esposa , horrivel
Poppea , feminil monstro iracundo ,
Em Roma. Iconoclasta plebe abate
Da nova esposa estatuas ;
Em triumpho conduz ao Capitolio
Da incestuosa Octavia o vulto augusto ,
Incesto , que forjára entre torturas
O monstrosos esposo , e a calúnnia ,
Para em pasto folgar d'orgias novas ,
E firme repousava sobre o monstro
Aniceto , milhafre , que roubára
De Agrippina a existencia , á Octavia a honra ;
Mas a historia co'a mão d'alta verdade ,
Ja que a vida não póde , a honra outorga
Com solemne apothéose , altares sacros ,
Onde a posteridade humilde incensa
A virtude , o heroismo , o genio , o MERITO :
Crueis centurioens , duros soldados ,
Ligaram sobre um tronco os tenros membros
Da casta Octavia , membros , que contavam
Quatro lustros , e outr'ora contendiam ,
Co'o marmore de Páros na brancura ;
Volve a voz aos algozes ,
Protestos balbucia d'innocencia ,
Entre a magoa , e pudor , que alma lhe obumbra ;
Surdos são , qual deserto ao peregrino.
Anathema ao mortal em cuja estrella

O egoismo resplende, a vil baixeza !
 Maldição sobre a fronte, que em cegueira
 No interesse mergulha os olhos, alma !
 Anathema ao sicario, ao vil escravo !
 Cede a rocha, o leão, quando agoa, ou lagrima
 Sobre a gleba lhe embate, ou chora a madre :
 Recúa o Cimbro a Mario; mas á Octavia
 Os barbaros ferozes não se adoçam !
 De sangue-frio a veias lhe picaram,
 Mas o sangne não corre, e so gotteja;
 Sangue qu'evaporado tinha em lagrimas.

É mister termo darem-lhe ;
 Em mephitico banho a mergulharam !
 Tal, o sol se escondendo, Octavia morre,
 Quando o rubro poente tinge os mares.
 De Tiberio feroz, Domiciano,
 Sepultei longas victimas em praça.
 Sobre as áras dos odios immoladas
 Esta, que ves, caduca, cárcumida,

Desamparada torre,
 Qual remorso isolado ante alma vive,
 Onde o mocho, e o noto em triste accordo
 Sinistras nenias pela noite exalçam,

E que em hora aziaga
 Phosphoricos phantasmas a povoam,
 O barb'ro repellio, ganhou victoria !
 Degenerados gregos me povoam,
 Em calabres balhatas nutrem ócio,
 Dormem na terra, si no mar não pescam.

PASTOR (*cantando, e tecendo uma coroa de rosas*).

Toca a hora; silencio ! A hora soa
 Em que o globo inflammado,
 Que o dia á terra mostra,
 Do ethereo Oceano ao fundo róla,
 E das celestes vagas ja levanta

As gottas luminosas , que borrifam
O vasto firmamento !
Salve, estrellante noite ,
Que no berço d'aurora resurgindo
Co'a cauda adamantina se apavona
Nas ceruleas campínas !
Vagai na immensidade, ardentes cirios,
Vagai na eternidade !
Sim, é a eternidade que eu procuro !
Mesquinha á mente a terra me parece :
Adejai vossas ázas
Mysticos sonhos, harmonia angelica,
Re-soai no infinito ;
Sombras de amor, passai, passai ligeiras ,
Dançai, e repetí em muda lingua
Nome, que eu tanto adoro !
Como ra-jida a mente róla, e paira
Sobre o mar do silencio !
Como brilha nas trevas
D'insolito esplendor o simulacro ,
Que da imaginação hardido surge
Em ideaes effluvios,
E magico voltija, vai-se, e volta !
Mãe da contemplação, da paz, oh noite !
Ah quão ditoso sinto o movimento ,
Que o coração prosegue a par dos quadros ,
Que desenróla a mão d'alma saudade !
Do porvir aureos paços me franqueias,
Que o cinzel da esperança, e phantazia
Com mystico arteficio adorna, e doura !
Doce esperança, espectro luminoso,
Coroadado d'estrellas coruscantes,
Tu no peito m'escreves,
Nome, que eu tanto adoro !
Tua imagem só vejo em a natura.

Do límpido regato a argentea espuma,
 Na corrente descreve em niveas letras,
 Sobre um fundo d'azul teu caro nome :
 Doçoroso murmúrio é teu sorriso.
 Rosea nuvem, que adorna o Templo á aurora,
 E oscillando descobre a estrella d'alva,
 De teus olhos me dá a luz divina ;
 A flor que cede ao zephyro, e balança,
 Retrata o teu donaire nobre, angelico ;
 E o perfume¹, que exhala pelos pétalos
 Teus dictos innocentes assimilha :

A saudosa elegia,

Que entoa o rouxinol melodiôso,
 É o hymno de ternura de tua alma !
 Tua image, anteposta á Natureza
 Divinisa, embalsama-me a existencia.
 Do rio a crespia vaga que desliza,
 Minha doce esperanza representa,
 Correndo d'hora em hora te que chegue
 Ao mar delicioso, em que vogando
 Solte as vélas da vida, e feliz frúa
 De teus labios o álito de rosas,

E abraçado m'entregues.....

Cessai, sonhos de amor, vinde a meus labios
 Em suspiros morrer mysteriosos ;
 Fere, lyra melodica,
 Entoa c'o meu canto em puro accordo
 Nome, que eu tanto adoro !

Invoquei, minha bella, a eternidade ;
 Entre os Anjos pairar almejo avaro ;
 Meu amor ja desdenha a terra nossa ;
 So póssô refrescar a calma intensa
 Entre os lúcidos astros,
 Effluvios, que levanta, do Universo,
 A eviterna torrente.

A noite eu invoquei , para nas trevas
Do silencio occultar as divas scenas,
Que vehemente paixão me volve n'alma :
Amor eu invoquei , sylphos aérios ,
Diaphanas visoens , que em' remuinhos ,
Os cyathos m'insuflam d'almos sonhos ;
Invoquei-te, esperança , e a ti me volvo,
Ente mysterioso , ja que longe...
Mas que digo ? jamais longe não podes
 Viver do teu amante ;
Mais proximo que a luz , e ár que respiro ,
Eu te guardo no adyto de minha alma.
 Invoco ora a saudade,
Anjo consolador , Anjo do vate ,
 Que desdobra em minha alma
 Do genio as ázas igneas,
Para em métrico accento eternisar
 Nome, que eu tanto adoro.

Passa, e repassa , pisa as frias cinzas
Do romano esplendor , mortal ditoso ;
Em teu pão teu amor só absorvido ,
Penetra estas abobadas , qu'encerram
Em fusão indistincta, lei da morte ,
 A virtude, e a infâmia ,
 A traição, o heroismo.
Ah ! não volvas atrás o pensamento
Sobre as scenas, que traça a eterna historia,
 Do passado horroroso !
Gratos hymnos concerta , tece a c'roa ,
Para a fronte esmaltar da tua bella ,
E deixa a Humanidade na tormenta
De guerras, de paixoens , e de egoismo.

AMPHITHEATRO.

Tripos, curúes cadeiras marchetadas,
 Não graduum meu circulo marmoreo.
 Oodorosas florinhas espalhadas,
 Quaes no céo as estrellas,
 Entre a relva s'esmaltam, multicores,
 Novas phenis, que brota a primavera!
 Engrinaldados olmos
 De globíferas parras,
 Com verde peristyllo a c'roa tecem-me,
 Onde a tenda dos céos ampla me cobre,
 E acoberta esta arena sanguinosa;
 Onde a barb'ra vaidade, entre os applausos
 Insensatos da plebe víra a morte.
 Humido sopro exhala o voraz tempo:
 Fragueiros borbotoens me desmoronam
 Galerias, pinturas, ornamentos,
 De viperas jazigos, e de vermes.

PITHECUSA.

Primavera contínua, o fogo interno
 De caduco volcão, me nutre as veias:
 Mirrada enfermidade
 Minhas agoas celestes desvanece:
 Gregas nymphas dançando em torno aos sistros,
 Tecem delicias, tecem primor d'arte
 Ao peregrino artista, que as contempla.
 Pyramide das ondas, eu conservo
 Do cinzel da Natura mil ornatos;
 Intrepida montanha, sobranceira,
 Varrendo as saxeas grimpas moveis nuvens,
 Com álito sulphurico e ardente
 Minhas fontes bafeja, orna as collinas.
 Eu chorei, eu chorei de amor com lagrimas,
 Amor casto, d'um Genio culto sacro,

De perfeita amizade,
Mas ora a taça fruo dos prazeres.

PROCHYTA.

Eu vi nuvens de dardos s'encruzarem ,
Muralhas d'elmos, lanças, gladios, settas
Obumbrarem do sol , do céu a face.
Cachoens ensanguentados revolvendo ,
 Arrojaram-me ás praias
Navaes biscatos, rostros de biremes.
Menecrates, Calvisius manobrando ,
Contemplei abordada, habeis borneios ,
 Esporoens estalados ,
 Bordas, remos em tiras,
 E victimas sem conta
Sobr'áras vingativas immoladas !
Menas traidor, vencendo a Menecrates ,
Que em despeito nas ondas se sepulta :
Tal espira o orgulho por vindita.
Batendo as azas, corvos applaudiram
O que a guerra, banquete, lhe offertava :
 Investiram os corpos ,
 Espicaçando os musculos
Dos bravós mareantes, que n'areia,
As costellas boiavam, quaes cavernas
De gallera, que em syrthes acha a morte.

CAPREA.

Passatempo innocente Augusto dera
Em meus sitios á turba hellenea, joven ,
Antes d'em Nola conculcal-o a morte.
O sanhudo Tiberio ermo da côrte ,
 Insultando a Natura ,
Dissoluta existencia aqui deo ázos ,
Té que o inferno lhe serveo seus crimes.
Na cerulea caverna inda rebôa

Luctuosa canção, pranto de crimes ,
Que a vaga volve em vortices continuos !....

Quantos deslizam pelos ares , Génios ,
As azas tremulando ,
Vem-me ás fibras de mente , harpa d'esta alma ,
Os sons emmaranhar d'estranho accento !
Das caducas arcadas , pardieros ,
Ergue a flor um suspiro , um ai o túmulo !
Suspiro modulado em dulia nota ,
Que do prado um sorriso aos cêos eleva
De fragrante harmonia perfumado :
Um ai funérea gleba ao ar desata ,
Atro efflúvio de dor , nuncio da morte ,
Murmurio do clarim da eternidade ,
Que o Anjo do Senhor embocca á terra !
Vicissitudes , astros transitorios
Cometas qu'incendeiam vastas moles ,
Cometas progressivos na opulencia ,
Cometas progressivos nos desastres ,
Cometas que transmudam geraçoens ,
Eviternos na elipse do Universo ,
Onde em contínuo giram ,
As trevas , e a luz , o riso , e o pranto ;
Sois cahos da barbaria ,
Creação de esplendor , vida de Mundo !

VESUVIO (*ao longe*).

De sulphurio vapor , arborea nuvem
Coroadá de raios ,
Obumbrei as estrellas
O sol escureci ; tremeo a terra ;
Vomitei minha cólera inflammada ,

Cuspindo grossa lava , cinza ardente ,
O deserto mandei cobrir e a morte
Herculano , Pompeia , Stabia , gregas
Cidades onde o vicio
Libidinosa taça tinha aos labios !
Os jazigos abri , tirei-lhe os mortos
E os vivos enterrei nas sepulturas !
Descubri , escavei essas reliquias
Que á historia conservei , té que de novo
Os crimes me despertem ,
E um diluvio de flammas lance em furia ,
E calcine Parthenope p'ra sempre.

UMA VOZ (*mais longe*).

Meus Penates quebrei ; co'a nova crença ,
Minha fé me sustenta. Oh Januario ,
Estende a mão sagrada , impede a cólera
D'esse abute de fogo , que nos ares
Devastadoras azas desenvolve ,
E nàs prezas de flammas , some , esmaga
Os Reinos , as cidades , os humanos.

A historia invulneravel nos demonstra
Os imperios em vortices sumindo-se ;
Quaes átomos que o vento rodopia ,
E no espaço p'ra sempre s'evaporam !

TODOS.

Morte , destruição , silencio , cahos !
Só Deos é sempiterno , forte , e justo !

EPILOGO.

Dos évos a empulheta indefinita

Trasfega incertos lustros ,

Nos arenosos bagos ; Mão celeste ,

Soberana semeia

O revez , a fortuna , que da urna

Perenne do destino descolloca !

Dos évos a ampulheta indefinita

Milhares d'estaçoens tem derramado ,

Sobre estas ruinas sacras

Da desditosa Cumas.

Que vento te soprou , vareo-te o esmalte ?

D'onde veio o diluvio que esb'roou-te ?

Que machado ou archote deo-te morte ,

Dize, suberba Cumas ?

Subito , entre os arbustros , pedras , muros ,

Um vapor se levanta , ouço um estrepito ,

Qual d'incendio que a chuva irrita , e inflamma ,

Ou de muro qu'estalla , treme , e fende :

A terra s'abre , fumo desenrola ,

E uma flamma surgio , brilhou , sumio-se !

D'entre as frestas s'eleva lento e lento

Atro funéreo féretro ,

Mil luzes o circulam vagueando

Ora azuis , ora pallidas , vermelhas ;

Na delirante marcha encruzamentos

Formavam , e roçavam-se ; gemidos

De angustiada dor desenvolviam :

O féretro se alarga , s'incha , empóla ,

E arrebenta no ár ; estrondo horrisono

Todo o espaço vibrou , repercutido

Entre nuvens d'enxofre !

Tres phantasmas descobre, ermos, e firmes
 Envolvidos n'um manto acinzentado;
 Qual em Roma, no Foro, inda se ostentam

Da Gregostasis ermas

Tres columnas corinthias !

Nas medulas coou-me um pa vor frígido ,
 Mas a voz da coragem surgiu d'alma.
 Os braços despegaram , levantando
 As amplas togas de terreno aspecto ;
 Qual o mocho pairando entre cyprestes ,
 Vibra os olhos de phosphoro nos túmulos ;
 Do primeiro retalha-se a roupagem ;

Grupo horrivel se antolha !

Satanico carrasco

Vibrando rubro alfange ,

Que menos scintillava que seus olhos
 D'infernal labareda alimentados ;
 Conculcava um mortal pleno d'angustia ,
 De fadiga curvado, ardendo em sede,
 Envolvido n'um manto auripurpureo ,
 Moribundos arrancos exhalando ,

Qual a voz d'um sepulcro

Que os sons da eternidade echoa , embaça :

— « Ou Palladio fundido , ou carambina

— « A meus labios encosta... Tenho sede !

Alça o braço o demonio,

Sobre a coma lhe applica a mão sinistra,
 E o suspende no ar; co' o fatal o ferro
 O colo lhe jugula; jorra o sangue
 Da cerviz em cordoens átros, e pútridos;
 A cabeça suspensa tiritava;
 Os olhos revolvendo, bocca, e fronte,
 Do remorso a expressão pintavam hórridos!
 No concavo d'um cranco apára o sangue,
 O Demonio, e outra vez pondo a cabeça
 Sobre o tronco, a cabeça colla, e sara :

Nos labios lhe encostando a ossea taça,
 Gritou com rouca voz — Bebe o teu sangue,
 — Já que os homens não deram
 — No patibulo, guerras, e torturas
 — Assaz para aplacar os teus furores!!!
 Na terra se aprofunda, desaparece
 Entre flammæ que abanam a atmosphæra,
 Retalhando coriscos, igneas lettras,
 Que no ar escreveram este rótulo :

DESPOTISMO DO REIS.

Do segundo phantasma róla a testa
 Em *cepo* sanguinario, n'um *cotello*
 Sobre o chão se transforma!
 Abre-se em meio, *forca* representa,
 E ferreos espigoens surgem dos dedos
 Que espetavam cabeças juguladas
 De velhos, de meninos, virgens, ~~moços~~
 Onde em torno mil Anjos voltijavam
 Do martyrio entoando
 O hymno consolador, do céu! o hymno.
 Ao longe, caso estranho!
 Abre-se a terra, e um clarão s'expande,
 Qual vulcão, que rebenta um mar de flammæ;
 Aurea cupula d'astros marchetada
 Se levanta brilhante, desdobrando
 Coruscantes columnas, que a sustentam;
 Em renque circulavam aureas tripodes
 Adamantino solio,
 Que s'erguia no centro, áras, e sceptros,
 Coroas, mitras, purpura, apothéoses
 Em profusão esparsas, offuscando
 A multidão curvada, que cingia
 Os degrãos d'esse templo das GRANDEZAS,
 Sem ver que o alicerce, que o sustenta,

É de sangue qualhado.
O templo foi subindo, alta montanha
Após elle surgio, rasgando a terra
Escrabosa, empinada,
(Tinha na falda estatuas duas d'ouro)
Formigueiro d'humanos a encobria
Debatendo, e ferindo-se,
Almejavam subir ao cume excelso;
Mas uns de rojo aos outros s'impediam,
Qual em putridro charco se apinhoam,
Se devoram premados vermes fetidos.
Um rapido rumor percorre a turba,
Que estatica dardeja á base os olhos
Sobre um novo Varão, que se apresenta
De corajosa audacia!
Seu olho lampejava á *populaça*,
Que suspensa o mirava; volve os passos,
Vai á estatua da *Intriga*, e se prosterna;
A trombeta loquaz da estatua cái
Envolvida no fio d'Ariadna :
Lá s'ergue a *Hypocrisia*, e se prosterna,
E mal beija-lhe as vestes, muda a cara,
Pela frente é cordeiro, em retro, lobo;
Mede o templo de largo, ensaia os membros,
Contra essa multidão emmaranhada,
E á montanha se arroja.
Dos braços, pernas, mãos surgem punhaes,
Cada poro lhe brota uma baioneta,
Té nas plantas dos pes gladios pullulam;
Co' a morte em torno a estrada se franqueia!
Os cadav'res rolavam sotopostos
Sobre a base do monte entrelaçados,
Quaes serpentes, que luctam, se desabam
De alcantilada rocha sobre as agoas,
Enroscadas se ferem, sê devoram :
Ja supino o varão galga a montanha,

Os degrãos ja franqueia , chega ao solio,
 Toma a c'roa e o sceptro , não a purpura,
 (Suas vestes de purp'ra a cor ja tinham)
 Seu olho era o canhão , a voz mitralha !
 O silencio e o pavor reinava em torno,
 Do throno a vista espraia sobre terra ,
 E o hymno da victoria ufano entoã:
 Eis que o ar se escurece , a terra treme,
 E a montanha se abala , cái o templo ,
 Esmagando-o d'um trago , jorra o sangue ,
 E na terra desenha em vivas lettras
 Esta vera inscripção , baldado exemplo ,

AMBIÇÃO DOS HUMANOS !

O terceiro phantasma immovel fica :
 Em torno mil cidades amplas surgem
 Cupulas , parques , templos , paços , thermos ,
 Artes , industria , paz , concordia , tudo
 Em perenne harmonia florescia ,
 Maravilhas do genio , do progresso.

Tirita o grão phantasma,
 Da toga vivo sangue em gotas filtra ,
 Que no chão depositam-se , crescendo ,

Mil empolas formavam ,
 Empolas , que estouravam , vomitando

Homens vivos armados ,

Com aspecto colerico ;

Mal se viam , se lançam

Em barbara peleja , o pai ao filho ,

O irmão ao irmão , amigo ao seu amigo

Taes d'archotes armados

O incendio lavravam nas cidades ,

Outros o cadafalso manejavam ,

Dando a morte á innocencia , que immolavam ,

A calumnia , e á suspeita.

Alça o pé o phantasma , rompe a marcha,
E a terra em cada pé abre uma cova ;
Com as pontas da toga vai varrendo
As cidades, canaes, barcos e fabricas,
Que rolam a seus pes , se submergindo
Nos sepulcros , que cava em sua marcha ,
E o deserto colloca onde inda ha pouco

As naçoens floreciam.

Sumio-se; negra nuvem , vento intenso
Varreo n'um turbilhão scena tão lugubre !
Um Anjo appareceu , Anjo terrivel ,
D'espada fulminante , aspecto tetrico ,
E esta voz lhe surgiu do forte peito.

ANJO.

Mortaes, é vossa obra — CIVIL GUERRA !

TODOS.

Morte, destruição, silencio , cahos !
Só Deos é sempiterno , forte e justo.

Napoles, 1835.

¹ Aquelles que não estiverem senhores da historia antiga , da idade media, e da moderna encontrarão algumas difficuldades lendo este extracto de nossa viagem : omittimos notas , por que ellas se acham no corpo da obra ; por exemplo sobre a costa e ilhas do mar tyrrheno, dissemos o que conhecemos d'estes sitios na descripção da viagem de Roma a Napoles.

Algumas espresscens s'encontrarão, pode ser , desuadas, mas ellas são filhas de nossas impressoens ; e de mais vemos a natureza como Artista , e não como Grammatico.
